


Em Tese

PARA ENTENDER SOCIOLOGIA: OS MANUAIS ESCOLARES DE MARIA OLGA MATTAR

Understanding sociology: the textbooks of Maria Olga Mattar

Patrícia dos Santos Dotti do **PRADO**
Departamento de Sociologia
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil
pradopatriciadotti13@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2140-535X> 

Mais informações da obra no final do artigo ●

RESUMO

Maria Olga Mattar foi professora de sociologia da UFPR (1951-1981), da PUCPR (1955-2006) e efetiva do Colégio Estadual do Paraná (1952-1981). Ainda nos anos 1970, confeccionou para suas aulas duas apostilas de ensino. Editadas no livro *Organização e Contexto Social: para entender sociologia* (1998), são uma introdução à epistemologia das ciências sociais. Este artigo analisa o referido livro, compreendendo sua confecção e conteúdo em interface à trajetória intelectual de Mattar. De linhagem durkheimiana, a sociologia dos manuais de Mattar era ciência descritiva e comparativa dos agrupamentos humanos, cujos objetos por excelência eram a organização e o contexto sociais. Traço distintivo dos manuais são suas sínteses pessoais acerca das teorias sociológicas, mobilizadas como recurso didático e de unidade científica.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia. Manuais escolares. Trajetórias intelectuais. Mulheres.

ABSTRACT

Maria Olga Mattar was a professor of sociology at UFPR (1951-1981), PUCPR (1955-2006) and at the Colégio Estadual do Paraná (1952-1981). Still in the 1970's, she made two textbooks for her classes. Edited in the book *Organização e Contexto Social: para entender sociologia* (1998), they were an introduction to the epistemology of the social sciences. This paper analyzes this book, including its confection and content in interface to the intellectual trajectory of Mattar. Aligned with Durkheim's lineage, Mattar's sociology was a descriptive and comparative science of human groupings, whose objects par excellence was social organization and context. A distinctive trait of manuals is their personal syntheses about sociological theories, mobilized as a didactic resource and scientific unity.

KEYWORDS: Sociology. Textbooks. Intellectual trajectories. Women.

1 A PROFESSORA E O MANUAL

Nascida na Lapa (PR) em 1923, Maria Olga Mattar formou-se professora primária na Escola de Formação de Professores de Curitiba em 1941. Durante a década de '40, trabalhou como professora primária no Colégio Zacarias, deixando a docência primária ao assumir aulas no ensino secundário em 1949 (MATTAR, 2017, p. 93). Formou-se em filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (FFCLPR) em 1944, e aproximou-se formalmente das ciências sociais em 1951, quando admitida professora auxiliar da cátedra de sociologia, então sob encargo do professor interino Bento Munhoz da Rocha Netto. Em 1958, defendeu sua tese de livre-docência e doutoramento em sociologia na FFCLPR, sob o título de O preconceito e sua força desagregadora na vida social. Aposentou-se da UFPR em 1981, dedicando-se, então, à docência na Faculdade Católica de Filosofia, Ciências e Letras¹, onde era titular de sociologia desde 1955. Maria Olga Mattar trabalhou nessa instituição até 2006 (idem, p. 102).

Ao mesmo tempo, foi aprovada em 1951 como professora de filosofia do Colégio Estadual do Paraná (CEP), no ensino médio; de 1966 adiante, assumiu as aulas de estudos sociais no mesmo colégio (idem, p. 98). Ainda entre 1949 a 1960, foi professora de filosofia, história da filosofia, sociologia educacional, psicologia geral e educacional em diferentes escolas de Curitiba, entre elas Colégio Sion, Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora de Lourdes, bem como na Escola de Serviço Social, onde foi titular da cadeira de Pesquisa Social de 1958 a 1960 (idem, p. 99-100). Após sua entrada na PUCPR em 1955, progressivamente deixou as demais instituições, mantendo os vínculos apenas com a PUCPR, UFPR e CEP, do qual se aposentou em 1981. Com efeito, sua carreira profissional se processou, simultaneamente, nos âmbitos escolar e universitário.

Neste contexto de docência em dois estágios de ensino, Mattar elaborou duas apostilas de conteúdos sociológicos: Contexto Social e Organização Social, ambas da década de 1970. No prefácio da apostila de Contexto Social, destacou:

Este trabalho didático é o resultado de uma lenta elaboração feita pela professora Maria Olga nos anos 70, em forma de apostila, para tornar a Sociologia mais compreensível aos alunos do segundo grau do Colégio Estadual do Paraná que optavam pelas Ciências Sociais, bem como aos alunos iniciantes na disciplina da Universidade Federal do Paraná e Universidade Católica do Paraná [atual PUCPR] (apud MATTAR, 2017, p. 120).

¹ Atualmente, é a Escola de educação e humanidades na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

A concepção e elaboração destas apostilas foram antes voltadas ao ensino escolar e, secundariamente, ao universitário. Eram, pois, manuais escolares de ensino e aprendizagem das ciências sociais, na forma de uma introdução a sua epistemologia. E, à nível do ensino secundário, foram utilizadas pelo menos até a aposentadoria da professora Maria Olga Mattar no CEP, em 1981. A análise que se segue escrutina o conteúdo destas apostilas, conforme editadas no livro *O Contexto e a Organização Social: para entender sociologia*, de 1998. O livro é formado da união destas apostilas, organizadas respectivamente na parte I e parte II da obra. Até o presente momento, esse material foi formalmente examinado apenas na dissertação de Rita de Cássia Mattar (2017).

O livro foi editado em gráfica pela própria professora e não possui prefácio, apenas uma introdução da própria Maria Olga Mattar justificando sua edição quase 30 anos depois. Creio que ausência de editora e prefácio assinalem uma recusa ao método e conteúdo das apostilas, embora se reconheça as inúmeras fragilidades teóricas da obra. Como demonstrado por Pierre Bourdieu, a editora, prefácio, capa entre outras insígnias vinculadas à circulação de ideias através dos livros marcam a apreciação de uma obra, transformando-a ou deformando-a (2002, p. X). Haja vista a atuação de Mattar como professora tanto no ensino secundário quanto nos dois únicos cursos de ciências sociais de Curitiba, suas apostilas orientaram e formaram algumas gerações de sociólogos e interessados pela área. Nesse sentido, como compreender o silêncio em torno de seus manuais²? Examiná-los com rigor permite-nos, pois, repensar tanto a institucionalização quanto o ensino das ciências sociais no Paraná.

O presente artigo se organiza da seguinte forma: primeiramente, sumário os aspectos principais das duas apostilas, com atenção a sua ressonância durkheimiana; em seguida, procuro compreender a tecedura desses manuais e, para tanto, analiso alguns condicionantes da formação e carreira profissional de Mattar na FFCLPR. Em segundo momento deste artigo, me debruço sobre a produção de manuais didáticos de sociologia no Brasil em início do século XX, a fim de compreender e localizar os materiais de Mattar; no ensejo, discuto suas fontes e unidade teórica das apostilas de Maria Olga Mattar.

² Não pretendo responder a esta pergunta no presente artigo. Entretanto, creio ser importante anunciá-la.

2 UMA CIÊNCIA ANÔMALA

Na introdução de *O Contexto e a Organização Social* (1988), Mattar diagnosticou o então estado das pesquisas e descobertas, teóricas e práticas, das ciências sociais. Considerou que a proliferação de obras³ confundia a compreensão ordenada dos jovens estudantes. Pois era uma área que crescia de maneira anômala, com estudos exaustivos sobre determinados temas, sem produzir, entretanto, a homogeneidade típica da ciência (MATTAR, 1998, p. 7). Daí considerar a autora pela necessidade de produzir um modelo esquemático de análise do social.

Já de início, nota-se a preocupação de Maria Olga com a unidade do pensamento científico, isto é, ela critica a fragmentação dos conceitos “como se não houvesse liames entre eles” (idem). Sobretudo a terminologia das ciências sociais é examinada negativamente em sua diversidade, à medida em “que fatos idênticos são tratados com nomes diferentes” (idem). A proposta de Mattar era orientar, numa visão de conjunto, uma compreensão sobre o social.

Seu olhar voltava-se às dificuldades que, segundo ela, os jovens estudantes encontravam ao lerem manuais e compêndios de sociologia. Sem citar títulos em especial, resumiu tais obstáculos em:

1. Muita especialização e pouca sistematização global
2. Como consequência, falta de livros de sistematização global
3. Falta de lógica e unidade nos compêndios com finalidades didáticas
4. Terminologia científica diversificada (MATTAR, 1998, p. 8).

Neste diagnóstico é que se encontravam, com efeito, as razões para a produção de seu próprio material didático. De início, as apostilas foram recurso apenas para a professora e seus alunos, tornando-se públicas apenas com a sua organização em livro, em 1998. O que não impediu, por outro lado, que estas apostilas circulassem anteriormente seja entre os estudantes que se formavam e precisavam de materiais para suas aulas, seja entre colegas profissionais nas universidades e escolas (MATTAR, 2017, p. 120). É neste sentido que reforço, pois, o exame deste material, visto ter orientado a formação de um pensamento sociológico nos ensinos superior e secundário curitibanos.

³ Na introdução, Mattar não cita nenhuma obra nominalmente, mas suas referências bibliográficas equacionam de René Descartes a Fernando de Azevedo.

A apostila de Organização social é composta por três capítulos: 1º, *estudo da organização social*, focado no conceito de organização social, o objeto por excelência de sua sociologia; 2º, *unidade estrutural da sociedade*, em que se discutem os elementos formadores, integradores e funcionais da organização social; e 3º, *continuidade e mudança social*, centralizado nos temas de continuidade, unidade e transformação. Por seu turno, a apostila de Contexto social é organizada em dois capítulos: 1º, *caracterização do contexto social*, cujo interesse está no conceito de contexto social; e 2º, *análise do contexto*, em que se analisam diferentes cenários e suas implicações, como doméstico, econômico, populacional etc. Este segundo capítulo se subdivide, ainda, nos aspectos de *integração social, funcionamento e continuidade social e transformação social*. Ambas as apostilas se organizam num mesmo registro, qual seja, partem da definição conceitual, passam pelos elementos característicos do fenômeno observado e, por fim, o discutem face à transformação social.

Ao final de cada capítulo e subcapítulo, Mattar elaborou esquemas bastante didáticos acerca do conteúdo apresentado. Esses esquemas eram ainda acompanhados de três itens: A) *temas a desenvolver*: recomendação de temas de discussão a partir do conteúdo visto; B) *questões a dinamizar*: conjunto de três perguntas relacionadas ao capítulo; e C) *leitura complementar*: indicação de três bibliografias das ideias debatidas. Vê-se claramente sua preocupação com a clareza do conteúdo, assim como o direcionamento do material a um público ainda em letramento no conteúdo das ciências sociais. Sobretudo através do item leitura complementar foi possível identificar o conjunto de autores/as mobilizados por Mattar para elaborar seus capítulos, coisa que debatarei adiante.

Segue agora uma síntese dos manuais.

3 A ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Para Maria Olga Mattar, falar em sociologia era falar em organização social. E isso pois apenas a ideia de organização, ou seja, um “sistema de partes concatenadas, funcionando harmoniosamente”, daria conta de explicar a “estrutura e funcionamento dos agrupamentos humanos” (MATTAR, 1998, p. 9). A diferença entre a organização social e a biológica residia, a seu ver, na resistência da sociedade humana à desorganização. Em um registro durkheimiano, Mattar distinguia entre os fatores de ordem e de desordem sociais. Entre os primeiros, estaria a hierarquia, causadora da harmonia e equilíbrio; entre

os segundos, as crises e desajustes. Justamente nesse aspecto repousaria a especificidade da organização humana: as rupturas e desorganizações não desmantelavam a sociedade, senão a reorganizavam em uma nova forma.

Ao longo da primeira parte do manual de Organização Social, Mattar se preocupou em apresentar as mais variadas correntes sociológicas, ao mesmo tempo em que as tensionava com a sua própria visão acerca da sociologia. Assim, inicialmente apresentou sua ideia de organização social para, em seguida, situar a fundação da disciplina em torno das figuras de Augusto Comte e Émile Durkheim. A este respeito, distinguiu seis modalidades – as mais conhecidas, a seu ver - de pensamento sociológico:

1 – Sociologia é estudo dos fatos sociais.

2 - Sociologia é a interpretação dos fatos sociais.

3 – Sociologia é o estudo das leis que regem os fatos sociais.

4 – Sociologia é o estudo das relações sociais.

5 – Sociologia é o estudo do produto das relações sociais. Estuda os grupos e instituições sociais.

6 – Temos ainda definições mistas que consideram alguns aspectos correlacionados dos conceitos anteriores. (MATTAR, 1998, p. 16).

Como pontuei inicialmente, Maria Olga criticava a fragmentação conceitual e especialização excessiva dos objetos de estudo da sociologia. Assim, apesar de reconhecer estas seis correntes sociológicas, defendia a produção de uma *sociologia geral*, sobretudo para os iniciantes. Pois “a especialização prematura bitola o pensamento, passando o especialista [...] a ver o mundo pelas estreitas dimensões de sua especialidade. O sentido do universo é perdido, a ciência se fragmenta, fixando-se o trabalho, não raras vezes, em minúcias e detalhes inúteis e infrutíferos” (idem, p. 17). Esse tipo de observação não é raro ao longo da obra. Trata-se, creio, tanto de uma defesa a uma sociologia cientificizada, quanto de uma justificação contínua ao modelo abrangente de análise adotado.

Ao pensamento científico Mattar dedicou boa parte da apostila de Organização Social. O distinguia, pois, do senso comum, entendido como mero conhecimento de um fato, e do pensamento filosófico, mais especulativo e aprofundado. Pensar cientificamente, a seu ver, é prever e explicar um fenômeno (idem, p. 25). Nesse registro, as ciências sociais são um corpo de conhecimento que, através da ciência, busca conhecer a sociedade a fim de organizá-la melhor (idem, p. 28).



Retomando a ideia de organização social, cotejada e defendida em face de outras concepções de sociologia, a autora apresentou as ciências sociais como o estudo das organizações sociais. A organização social é, nesse sentido, o foco da atenção sociológica. Através da apreensão científica das formas assumidas pelas variadas organizações sociais se atingira, com efeito, compreender os condicionamentos sociais das interações humanas (idem, p. 28). Em suas palavras:

até hoje, no entanto, os sociólogos não chegaram a um acordo sobre o objeto específico da ciência. Para uns, o fato social primeiro e a estrutura; para outros, os processos sociais (interação, socialização, comunicação, etc...); para outros ainda, as relações sociais (dominação, subordinação) ou as instituições, ou ainda os produtos da convivência. **Fazendo uma síntese do pensamento dos autores, podemos dizer com segurança que a sociologia é a ciência da Organização Social na forma e no conteúdo** (idem, p. 35. Grifos meus).

Essa urdidura dos conteúdos e teorias é típica da escrita de Mattar, em um registro de produção de sínteses pessoais do conjunto de suas leituras. Discutirei à frente esse traço de seu pensamento. Adianto, entretanto, ser tanto um recurso didático, quanto relacionado à sua formação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (FFCLPR),

A parte seguinte da apostila de Organização Social se dedica à gênese da organização social. Essa seria composta por elementos formadores (os indivíduos humanos), integradores (a ação humana) e funcionais (os efeitos e produtos da ação humana). Para Mattar, os elementos formativos eram tanto relativos à natureza quanto ao homem; os integradores, relativos à padronização (ou socialização) dos comportamentos sociais de acordo com a cultura e o contrato social; e, por fim, os fatores funcionais seriam as instituições (família, Estado, Igreja e escola) e a cultura, pelo legado e acúmulo (MATTAR, 1998, p. 63).

A última parte do manual explica como, face à formação da organização social, pode se compreender a mudança. Segundo Mattar, a continuidade é o traço distintivo da organização social, ou seja, “a manutenção de um tipo de unidade estrutural no tempo histórico e social” (idem, p. 67). Sua garantia se daria pela ordem, estabilidade e equilíbrio, assegurados pela segurança e defesa, em um registro de controle social. As instituições, nesse sentido, desempenhariam importante papel, pela disseminação de valores e salvaguarda de uma certa ordem social. A transformação social, por outro lado, é vista como positiva à medida em que produz o ajustamento da organização social a novas condições. Haveria, para Mattar, diferentes alterações sociais, de cunho científico,

técnico, político e ideológico. Cada qual a sua maneira, essas transformações poderiam ser caracterizadas em torno de seu dinamismo, ritmo/velocidade, adaptabilidade e planificação ideológica.

4 O CONTEXTO SOCIAL

A ideia de contexto social de Mattar é largamente tributária de sua visão da sociologia, qual seja, de análise da organização social. Há, com efeito, uma série de pontos em comum e repetições entre as apostilas, especialmente os tópicos relativos à ciência e método. Em sua compreensão, a organização social seria a forma, e o contexto social, o conteúdo (MATTAR, 1998, p. 8). Entretanto, deve-se distinguir entre contexto social e contexto cultural. O primeiro “independe da história concreta de agrupamentos particulares, [enquanto] a cultura está sempre vinculada a grupos concretos” (idem, p. 81). A apostila de contexto social está, portanto, preocupada em identificar os agrupamentos humanos relativos aos mais diversos contextos sociais.

O início da apostila é marcado pela delimitação da ideia de agrupamento humano, cuja definição sumária é: “são formados por indivíduos reunidos com interesses comuns, interagindo. Nos grupos, se reúnem pessoas de categorias sociais idênticas ou diferentes. Os agrupamentos gerais de uma sociedade podem assumir formas variadas” (idem p. 83), tais como classe, elite, multidão, entre outros. Mattar preocupou-se em distingui-los entre si, sem, contudo, produzir definições precisas de cada um⁴.

Na parte seguinte, há uma longa análise da professora em torno das formas assumidas pelos agrupamentos humanos em contextos sociais. Haveria aqueles relativos à *formação social*: demográficos, econômicos e domésticos; à *integração social*: contexto psicológico e instituições; ao *funcionamento e continuidade*: instituições hereditárias ou tradicionais, política, legislação, moral e religião; e à *transformação social*: instituições científicas, técnicas, pedagógicas e filosóficas. Nota-se, pois, que sua compreensão é fortemente marcada por uma ideia polimorfa de instituição.

⁴ Por exemplo, **comunidade** é definida como “agrupamento geográfico de indivíduos que satisfazem de maneira idêntica suas necessidades vitais fundamentais, alimento, transporte, escola, mantendo contatos diretos. Podem interesses secundários ser diversos e mesmo existir diversificação de classes” (1998, p. 48). **Classe** é compreendida como “agrupamentos segmentados criados por ideais e mentalidades comuns, seja no setor econômico, político ou profissional. Classe já supõe hierarquia e cooperação superior, além de deveres e padrões estratificados (idem). **Massa**, por seu turno, é “agrupamento não geográfico, de indivíduos emocionalmente condicionados por condutores, que podem estar consciente ou inconscientemente motivados. Difere de multidão porque não necessita de contiguidade espacial” (idem, p. 49).

A parte final do manual é bastante similar ao encerramento de Organização Social, visto tomar o conjunto das compreensões de agrupamento humano face à continuidade e mudança social. A análise e explicação dessas relações respondeu, com efeito, aos pressupostos defendidos em Organização Social. Isto é, uma visão da continuidade como manutenção da ordem e equilíbrio do contexto social, e da transformação como ruptura e adaptação destes agrupamentos humanos.

As apostilas dialogam tanto em seu conteúdo, quanto na forma de apresentá-los: o recurso às sínteses pessoais, a defesa de uma ideia própria de sociologia, o uso de esquemas ao final dos capítulos, bem como a proposição de questões e indicações bibliográficas são mobilizados em ambos manuais. Formam uma visão de conjunto, como pretendeu Mattar, acerca da sociologia, de seu objeto e método.

5 VISÃO DE CONJUNTO

Compreendidos os componentes fundamentais dos manuais de Mattar, creio ser valioso recuperar algumas de suas ressonâncias durkheimianas e comteanas⁵. Apesar do nome de Augusto Comte não constar nas referências bibliográficas de nenhuma das apostilas, seu nome é citado ao longo de ambas. Mattar atribua a Comte a sistematização da sociologia como ciência. Em suas palavras, “Augusto Comte, em seu CURSO de FILOSOFIA POSITIVA, lançou as bases da nova ciência, complementado por Émile Durkheim, em REGRAS DO MÉTODO SOCIOLÓGICO” (1998, p. 16). Essa passagem anuncia, a meu ver, uma leitura de Comte através de Durkheim, e explica, por outro lado, a ausência de Comte nas referências bibliográficas. Isso é melhor percebido na interpretação de Mattar acerca da mudança e continuidade social. Pois embora remetam diretamente aos conceitos comteanos de estática e dinâmica social, são explicitados através de uma leitura durkheimiana. Melhor dizendo, a compreensão e o uso desse arcabouço teórico mobilizam antes uma interpretação d’As Regras do Método Sociológico do que o Curso de Filosofia Positiva. Nas palavras de Mattar acerca da transformação da organização social:

A organização social é formada de organizações menores e especializadas, que interdependem uma das outras em função do conjunto. São como roldanas do mecanismo de um relógio, que se influenciam reciprocamente para mover o mostrador. As etapas que se

⁵ As obras referenciadas de Émile Durkheim são *As regras do método sociológico* e *Sociologia y Filosofia*. Augusto Comte não é referenciado em nenhuma das apostilas.

sucedem iniciam com problemas que são uma zona de atrito, que se evidenciam e onde deveria existir unidade. Resultam de uma disfunção ou desprestígio. A crise é a constante repetição dos mesmos problemas. Desajustes são crises constantes em camadas determinadas. Resulta desorganização – quando a maioria dos grupos são atingidos pela crise. Desagregação é o desequilíbrio global, a ruptura com a ordem estabelecida (MATTAR, 2008, p. 12).

Com efeito, a autoria mobiliza ambas teorias conjuntamente. Compreende-se, assim, como Mattar aciona elementos de uma solidariedade social (“a organização social é formada de organizações menores e especializadas, que interdependem umas das outras em função do conjunto” (op. cit.)), ao mesmo tempo em que se vale de uma noção de história que avança por estágios (“as etapas que se sucedem iniciam com problemas que são uma zona de atrito...” (op. cit.)). O registro de síntese pessoal de Mattar aparece aqui particularmente enfatizado, à medida em que se vale de dois distintos autores combinando-os, inclusive naqueles aspectos em que as teorias não se conciliam⁶.

Outra característica marcada pela teoria durkheimiana é seu entendimento da organização social como fato social. Assim, trata-se da “sociologia como ciência e sobre a organização social como o FATO SOCIAL” (MATTAR, 1998, p. 35). Contudo, Maria Olga Mattar não apresentou, ao longo dos manuais, uma definição sumária de fato social ou mesmo as características que permitam pensar a organização social como fato social, segundo os critérios durkheimianos. Com base na leitura das apostilas, depreende-se que a organização social é um fato social à medida em que se estende a todos indivíduos, é externa a eles e coercitiva em seus imperativos de ordem e continuidade.

Particularmente notável, por outro lado, é defesa de Mattar pela ciência. Estão presentes, desde sua motivação à escrita até o conteúdo propriamente dito, a ideia do uno, de visão de conjunto, de método; acima de tudo, esses são componentes da compreensão de Mattar acerca do conhecimento sociológico. Não obstante, seu olhar não é o do valor da ciência por ela mesma, senão pelo rigor e objetividade exigidos à análise. Atributos como imparcialidade, objetividade, distanciamento e pensamento uno eram defendidos por Mattar e ligados ao cientista; por outro lado, interferências, pensamento perspectivista, preconceitos e valores eram relacionados à figura do agente social e, no

⁶ Me refiro às críticas de Émile Durkheim a Augusto Comte em *As Regras do Método Sociológico*. Nas palavras de Durkheim: “Comte tomou por desenvolvimento histórico a noção que dele possuía e que não difere muito da que faz o vulgo. Vista de longe, de fato, a história adquire bastante claramente esse aspecto serial e simples. Percebem-se apenas indivíduos que se sucedem uns aos outros e marcham todos numa mesma direção, porque têm uma mesma natureza” (DURKHEIM, 2007, p. 21). Com efeito, Durkheim crítica, nessa passagem, justamente o aspecto da teoria comteana que Mattar mobiliza em conjunto à própria teoria durkheimiana.

caso da elaboração de uma pesquisa, deveriam ser combatidos. Mais uma vez, se reconhecem as formulações de *As Regras do Método Sociológico* (2007), sobretudo o capítulo II, em que Durkheim prescreve algumas regras para a análise sociológica - entre elas, o despojar-se de pré-noções, tratamento objetivo dos dados, atenção aos fatos, entre outras. Os manuais de Mattar são amparados, a meu ver, nessa concepção de ciência e investigação; constroem, assim, não apenas orientações didáticas para o ensino de sociologia, como produzem e reforçam um conjunto de atribuições e uma ideia de ofício próprios à sociologia e ao pesquisador da área.

6 A ELABORAÇÃO DOS MANUAIS

Os manuais de Maria Olga Mattar foram primeiramente desenvolvidos na forma de anotações, a fim de ter a professora algum material didático que lhe amparasse em sala de aula. Os esquemas, perguntas e indicações bibliográficas foram adicionados posteriormente, quando da organização destes na forma de livro, em 1998. Uma vez que Mattar pretendia utilizá-los na escola e na universidade, “as organizações dos conteúdos foram feitas em forma de sínteses, o conhecimento esquematizado para que o grau de dificuldade na elaboração do conhecimento fosse elaborado por nível de ensino” (apud MATTAR, 2017, p. 120). A confecção das apostilas foi, pois, laboriosamente pensada.

Conforme Simone Meucci (2000), os primeiros manuais e compêndios de sociologia nacionais foram publicados a partir da década de 1930. Entretanto, pelo menos desde o início do século XX circulavam no país manuais estrangeiros, sobretudo franceses. Um dos fatores que concorreram, com efeito, à produção de compêndios brasileiros foi o ingresso da disciplina de sociologia nos cursos complementares, bem como a inauguração dos cursos de graduação em ciências sociais:

a sociologia ressurgiu triunfalmente nas décadas de 20 e 30, em cursos de formação de professores, nos preparatórios ao exame de admissão para o ensino superior, nas faculdades e universidades. É quando, de fato, após uma longa trajetória, a sociologia adquire um lugar institucional, onde fora possível iniciar, de modo regular, a reprodução do conhecimento sociológico, especialmente na forma de manuais didáticos dedicados à difusão da nova disciplina entre os alunos (MEUCCI, 2000, p. 10).

Houve, pois, um grande número de publicações de manuais e coleções de livros didáticos de sociologia, entre as quais a Biblioteca de Iniciação Cultural e Profissional, organizada pela editora Globo, e a Biblioteca Pedagógica Brasileira, publicada pela



editora Nacional e dirigida por Fernando de Azevedo. Ademais, havia os manuais próprios de Fernando de Azevedo, Gilberto Freyre, Carneiro Leão e Amaral Fontoura (idem, p. 11; p. 15). Pergunto, pois, o que levou Mattar a produzir seu próprio material, a despeito de haverem outros e tantos.

Mattar ingressou no quadro docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná (FFCLPR) em 1951, como auxiliar de ensino de Bento Munhoz da Rocha Netto, que à altura era catedrático de história da América e interino da cátedra de sociologia. A FFCLPR foi fundada em 1938 como iniciativa privada de uma série de agentes ligados às redes católicas e às faculdades isoladas de medicina, engenharia e direito do Paraná (GUÉRIOS, 2017). Seu quadro docente foi inicialmente lotado por esses agentes, assim como por personalidades das elites políticas e intelectuais do estado (WESTPHALEN, 1988, p. 25). Entre outros fatores, esses convites à cátedra conduziram aos postos docentes tanto autodidatas quanto titulares que nem sempre exerceram os cargos⁷.

Como examinado por mim em trabalho anterior (PRADO, 2017), o curso de Ciências Sociais da instituição contava com apenas um catedrático formado na área, José Loureiro Fernandes, professor de antropologia e etnologia. Os demais eram autodidatas ou personalidades da elite paranaense, derivando daí o convite à docência. Isso ocasionou, somado à escassez de recursos da instituição, dificuldades ao andamento do curso. Pois os titulares não compareciam às aulas ou sistematizavam o conteúdo a ser dado, cabendo aos assistentes ou auxiliares, se houvesse, produzir o material das aulas por conta própria.

Bento Munhoz era interino na cátedra de sociologia em substituição ao catedrático, Omar Gonçalves da Mota⁸. Não há relatos de que Mota tenha alguma vez conduzido integralmente as cadeiras de sociologia. Desde o início do curso, as cadeiras de sociologia transitaram entre diversos professores contratados: Euclides Mesquita, Gabriel Munhoz da Rocha, Iran Martins Sanches e Maria Olga Mattar - além de Bento Munhoz, que era interino (OGANAUSKAS, 2007, p. 68). Contudo, Bento Munhoz se ausentava com frequência, passando suas aulas a auxiliares de ensino. Como visto, Mattar iniciou sua docência na FFCLPR como auxiliar de ensino de história da América, cátedra regida

⁷ Penso comparativamente os casos da USP e ELSP, que lotaram parte de seus quadros docentes com professores estrangeiros.

⁸ O catedrático de sociologia era Omar Gonçalves da Mota, formado em direito e professor da Faculdade de Direito do Paraná. Apoiou e organizou a fundação da FFCLPR em 1938, quando era Secretário do Interior e Justiça do estado do Paraná. Compreende-se derivar daí o convite à cátedra de sociologia, pois Mota não publicou ou pesquisou nenhum tema da área de sociologia ou ciências sociais (PRADO, 2017).

por Bento Munhoz no curso de História e Geografia da Faculdade; após, assumiu como sua auxiliar de sociologia.

Os relatos deixados por ex-alunos do curso de ciências sociais destacam a escassez de materiais didáticos na Faculdade, sobretudo livros. Os discentes lançavam mão, pois, de diferentes estratégias para driblar a ausência de bibliografia tanto nos programas de disciplina quanto na biblioteca: traduziam em grupo os textos e depois os copiavam em papel carbono ou mimeografavam. Em outros casos, os próprios professores emprestavam os títulos ou convidavam os estudantes a suas casas para leituras (PRADO, 2017, p. 82). Em lembrança de seus tempos de universidade, um ex-aluno afirmou, “[o professor/a] pegava um monte de livro, fazia um esquema, vinha pra sala de aula, punha um esquema no quadro [...] e quem falava era o professor” (apud idem, p. 81).

Conforme os registros deixados nas cadernetas de ensino e frequência e nos programas das cadeiras do curso de ciências sociais da FFCLPR, considera-se que os conteúdos das aulas eram, pois, transmitidos na forma de sínteses. Isto é, as anotações gravadas nestes documentos constavam de breves anotações por tema; apenas em alguns casos constavam nomes de autores (PRADO, 2017, p. 72). Não raro, trabalhavam-se grandes correntes teóricas, as quais se distinguíam nominalmente: comunismo, evolucionismo, capitalismo, etc. No curso de ciências sociais, apenas as aulas de antropologia, fortemente orientadas pelo catedrático Loureiro Fernandes - inclusive em sua ausência, fugiam a esse formato ou, pelo menos, registro (DRESCH, 2016). Com efeito, não havia distribuição corrente de bibliografia por aula, sendo encargo docente produzir sínteses e transmiti-las aos estudantes. A organização de conteúdo adotada por Mattar em suas apostilas era, pois, muito semelhante àquela vivenciada na FFCLPR, seja em sua formação⁹, seja em sua carreira docente.

A formação profissional de Mattar e, posteriormente, sua carreira acadêmica, efetuaram-se nestas condições: de um lado, ausência de um conteúdo sistemático de sociologia e, de outro, exigência à rápida elaboração de materiais didáticos e sínteses para as aulas. No contexto da cátedra de sociologia, essas dificuldades se somaram à ausência do catedrático, de modo que a rotatividade de professores/as obstou, com efeito, a produção de uma agenda de pesquisas em sociologia, bem como a rotinização de um conhecimento sobre a disciplina.

⁹ Relembro que Mattar graduou-se em filosofia pela FFCLPR em 1944.

Nota-se, especialmente, que as cadeiras de sociologia não produziam, em seu conteúdo, uma consciência racional da vida social. Como observado por Karl Mannheim (2012, p. 73), o pensamento sociológico se caracteriza pela autoavaliação de si e do outro, em uma “existência social consciente” - e essa, para ser interpretada, é submetida à crítica racional e metódica (idem, p. 74). A sociologia da FFCLPR, por seu turno, era uma disciplina descritiva, de conhecimento gerais acerca das relações sociais. Não construía, nesse sentido, uma reflexão racional da realidade social. Essa indiferenciação disciplinar e fragilidade teórica da sociologia, fundamentada em parte na ausência do catedrático e de recursos institucionais, se reverteram, creio, nas reflexões produzidas por Mattar em suas apostilas.

Assim, considero que, embora existissem compêndios e materiais didáticos de sociologia desde 1930, isso não necessariamente se reverteu em material de base à FFCLPR ou a seus catedráticos e assistentes. De modo que a opção de Mattar pela construção de seu próprio material está, creio, relacionada à forma como eram conduzidas as graduações em Curitiba. Isso não quer dizer, por outro lado, que a professora desconhecesse a existência de compêndios ou manuais de sociologia, apenas destaca os nexos entre sua formação acadêmica e sua maneira de produzir conteúdo. Se fosse esse o caso, na introdução de *O contexto e a organização social* (1998), Mattar não criticaria a fragmentação conceitual e especialização teórica dos compêndios de sociologia.

7 AS FONTES E AS UNIDADES

As referências de ambas apostilas constam de 171 títulos¹⁰, dos quais 41 são nacionais. Desses, 17 foram escritos por intelectuais da USP, tais como Emílio Wilems, Gioconda Mussolini, Florestan Fernandes, Maria Isaura de Queiroz, Octávio Ianni, Marilena Chauí, Luiz Pereira entre outros. Mattar cita ainda os manuais de sociologia de Fernando de Azevedo, Gilberto Freyre, Tobias Barreto, Antônio Carneiro Leão e Alceu Amoroso Lima, além de títulos como *Casa Grande e Senzala*, de Freyre, e *Cultura e Tecnologia*, de Anísio Teixeira.

Ou seja, Mattar detinha uma bibliografia nacional relativamente atualizada, balizada por alguns autores clássicos, sobretudo de manuais de sociologia. Isso lança luz aos

¹⁰ Um inventário exaustivo dos títulos e sua relação com a elaboração dos manuais pode ser encontrado em MATTAR (2017).

envolvimentos nacionais entre os sociólogos e a circulação de um conjunto de ideias sobre a disciplina e seu ofício. Gabriel Oganauskas (2007, p. 56) demonstrou a atuação de Mattar e Euclides Mesquita na organização do 1º Congresso Paranaense de Sociologia, vinculado à Sociedade Brasileira de Sociologia. O congresso teve como membros honorários Donald Pierson, Roger Bastide, Guerreiro Ramos, Fernando de Azevedo e Delgado de Carvalho. Portanto, Maria Olga Mattar conhecia esses autores e, creio, suas obras.

A pensar ainda a produção e circulação de ideias, apesar de escritas em 1970, as apostilas de Mattar se alinham ao formato de alguns compêndios sociológicos dos anos '30. Havia, nesse momento, séria preocupação em formular a sociologia como ciência. O pensamento científico era oposto ao diletantismo e ao ensaísmo, jurídico e literário, que se julgava haver nos manuais de décadas anteriores. Com efeito, alguns atributos da investigação científica como imparcialidade, objetividade e crítica passaram a ser positivamente valorizados e, assim, a constar nos manuais de sociologia de 1930. Conforme Simone Meucci (2000, p. 37), nesse período

os autores dispunham-se a realizar sínteses adequadas à formação de novos espíritos para o nosso meio intelectual. A maioria dos autores afirmava, pois, que o objetivo dos livros didáticos que se dedicavam a elaborar era, tão simplesmente, iniciar os alunos na nova área de conhecimento, familiarizando-os com as teorias e as técnicas sociológicas, e, sobretudo, despertando interesse para o novo campo de estudos que estava para se formar.

Os autores a que se refere Meucci são Djacir Menezes, Fernando de Azevedo, Carneiro Leão, Amaral Fontoura, Delgado de Carvalho, Francisca Peeters e outros. Desses autores, os três primeiros são citados nas referências de Mattar¹¹. A título de hipótese, acredito que esses manuais, de “padrão intelectual baseado no pensamento científico” (idem, p. 36), serviram de modelo às apostilas de Mattar. Há semelhanças não apenas no entendimento científico da sociologia e de seu método, como também nas finalidades dos manuais, de iniciação ao pensamento sociológico. Por outro lado, as apostilas de Mattar se distanciam dos referidos autores/a à medida em que não introduzem problemas e indagações relativas à consciência nacional, questão cara aos compêndios de 1930. Nesse sentido, os manuais escolares de Mattar são parcialmente

¹¹ Como Leão (1958), Azevedo (1951) e Menezes (1971).

desligados de problemas sociais e focados na apresentação teórica da sociologia, à exceção do tema do preconceito¹².

Esse é introduzido com frequência ao longo das apostilas, seja nos tópicos de mudança e continuidade, seja de ordem e desordem ou mesmo nos temas de formação e integração do corpo social. Em sua definição de preconceito, elaborada em 1958 em sua tese de livre-docência, nota-se o mesmo padrão de construção intelectual presente nas apostilas: sínteses teóricas justificadas pela unidade científica¹³. Nesse sentido, a urdidura das apostilas e da tese de Mattar apresentam um formato, de fundo, semelhante. Em que se pesem as diferenças de tratarem-se de manuais escolares e de uma tese de livre-docência, Mattar desenvolveu o mesmo raciocínio durkheimiano acerca da sociologia e de seu método, inscrevendo a noção de preconceito como elemento de desordem da coesão social. A percepção da teceduras de sua tese reforça a hipótese aqui defendida, qual seja, do ensino e docência na FFCLPR como elementos formadores, para utilizar a terminologia de Mattar, da sua própria concepção das ciências sociais e de seu ensino.

Ao mesmo tempo, sem fixar-se no modelo destes manuais de 1930 ou nas aulas da FFCLPR, Mattar os combinava a uma numerosa bibliografia pretérita e contemporânea das ciências sociais. Em sua visão, “o que diminui seu prestígio [da sociologia] é a falta de homogeneização no uso dos termos, bem como a riqueza de conceitos antagônicos” (idem, p. 36). Em parte, o sentido da produção de seus manuais está nessa constatação: há uma heterogeneidade, nas teorias sociológicas, prejudicial à própria unidade científica da sociologia. Esta visão ressoa em sua forma de construir os manuais.

Apresentei alguns dos autores/as brasileiros citados por Mattar. Entretanto, há mais 130 títulos dispersos entre teorias internacionais, clássicas e contemporâneas. Mattar referenciou Max Weber, Émile Durkheim, Talcott Parsons, Wilfredo Pareto, Roberto Merton, René Descartes, Gino Germani entre muitos outros. A leitura dos manuais de Mattar permite que se reconheça, em um ou outro caso, ideias desses autores. Mormente

¹² Nesse particular, é forçoso acrescentar que a tese de livre-docência e doutoramento em sociologia de Maria Olga Mattar, defendida em 1958 na FFCLPR, sob orientação de Bento Munhoz da Rocha Netto, teve como tema o preconceito. Intitulada O preconceito e sua força desagregadora na sociedade: Raízes da exclusão social, seu mote foi o preconceito sofrido por Mattar em sala de aula, na FFCLPR, por ser docente mulher. O conflito veio à tona quando Mattar questionou seus alunos/as acerca da qualidade do curso de ciências sociais da instituição; um dos problemas apresentado pelos estudantes foi, justamente, o fato de haver mulheres lecionando (ENTREVISTA, 2007, p. i).

¹³ Por exemplo: a fim de definir a noção de preconceito, Mattar realiza uma longa apresentação negativa do conceito de preconceito, salientando as discordâncias entre os outros: “em suas definições, os sociólogos, inconscientemente talvez, preocupam-se mais com certos preconceitos de [sic] que com outros, de modo que são poucas as definições que se aplicam indistintamente a todos os preconceitos” (MATTAR, 2005, p. 38).

a teoria durkheimiana seja mais facilmente identificável, como visto, elementos de uma sociologia sistemática de Talcott Parsons também estão presentes no seu modo de pensar e abranger a totalidade das relações humanas. Outros autores, creio, foram mobilizados antes para apresentação da diversidade teórica da sociologia, do que como fonte propriamente dita.

Suas referências demonstram, pois, um amplo conhecimento da bibliografia da sociologia que não se converteu, contudo, em uma vitrine de autores, senão numa unidade teórica produzida pela própria Maria Olga Mattar. Isto é, a apresentação dos conteúdos na forma de síntese, como visto, não era baseada tão somente naquilo que Mattar compreendia sobre a sociologia e seus objetos, era antes uma unidade artificialmente criada entre as mais variadas correntes teóricas segundo critérios estipulados pela própria autora e não dados a conhecer ao leitor. Assim, tomar a organização social como objeto por excelência da sociologia não era apenas uma consideração autoral de Mattar, era o resultado da condensação de outras teorias e autores, cujo elemento comum era dado, a seu ver, pela ideia de organização social. Com efeito, em suas apostilas Mattar elaborou um grande compêndio teórico, para além de sociológico.

Uma vez que o público central dos manuais eram estudantes secundaristas e que Mattar, desde o início da obra, criticava a hiperespecialização conceitual e fragmentação teórica da sociologia, considero que esse modelo de síntese teórica foi instituída, nos manuais, para sanar esses percalços; isto é, um instrumento para tornar mais palpável, ao leitor/a iniciante, a epistemologia sociológica. Com efeito, compreendo seu modelo de síntese como um recurso didático dos manuais. Por outro lado, é sintoma igualmente de seu entendimento da sociologia como ciência, cuja unidade e homogeneidade deveriam ser retomadas e cumpridas. Creio haver, nessa tensão, os elementos de constituição de seus manuais escolares.

8 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste artigo, busquei analisar sumariamente os manuais didáticos, ou apostilas, de Maria Olga Mattar, professora de sociologia da UFPR, PUCPR e Colégio Estadual do Paraná. Elaborados durante a década de 1970 e editados em livro em 1998, esses manuais foram fonte e base a muitas formações escolares e, em menor medida, universitárias. Para além, ao levar em conta a distribuição e cópia deste material entre os



alunos secundaristas e universitários (futuros professores) e colegas profissionais, certamente a amplitude e circulação dessas apostilas foi ainda maior. Assim, há que se pensar na rotinização de uma ideia de sociologia operada por esse material e atuação de Mattar.

Recorrendo novamente à Meucci (2007, p. 33), a ideia de rotinização diz respeito à noção weberiana de “formação de uma comunidade científica e de um quadro institucional a partir do qual é possível uma nova ciência ser produzida sobre bases duráveis”. Relativamente ao Paraná, até 1973¹⁴ apenas Curitiba sediava cursos de graduação em ciências sociais: na FFCLPR e na atual PUCPR (OLIVEIRA, 2006, p. 20). Debati anteriormente algumas das condições institucionais do curso da FFCLPR, salientando a rotatividade de professores, estabilizada apenas em finais dos anos 50. Entre os docentes estáveis, apesar de assistentes ou auxiliares, estava Maria Olga Mattar, que permaneceu de 1951 a 1981 como professora de sociologia da instituição.

À frente, pois, da cadeira de sociologia por 30 anos e amparada por seu próprio material didático - no caso da cadeira de sociologia do 1º ano, de caráter introdutório, Mattar produziu uma compreensão da sociologia que, aos poucos, aglutinou agentes ao entorno. Esse foi o caso, por exemplo, da professora Maria do Rosário Knechtel, formada em ciências sociais pela PUCPR nos anos 1950. Knechtel era ex-aluna de Mattar quando foi convidada pela mesma para assumir a função de assistente da cadeira de sociologia na FFCLPR. Posteriormente, seguiu carreira acadêmica internacional na interface de sociologia, filosofia e educação (KLAS, 2013). Embora não tenha condições de explorar esta ideia no presente artigo, creio haver evidências para se compreender, a título de hipótese, a rotinização de uma ideia de sociologia em Curitiba em torno da docência de Maria Olga Mattar e de seus manuais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando. **Princípios de sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1951

BOURDIEU, Pierre. As condições sociais da circulação internacional das ideias. **Revista Enfoques**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2002.

DRESCH, Gabriella Ane Dresch. **Entre instituições e projetores**: Loureiro Fernandes e os usos dos filmes etnográficos. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

¹⁴ Ano em que é aberta graduação em ciências sociais da Universidade Estadual de Maringá (OLIVEIRA, 2006).

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GUÉRIOS, Paulo Renato. Trajetórias intelectuais marcadas entre a ciência e a religião: José Loureiro Fernandes e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná. **Campos**, v. 18, n. 1-2, 2017.

KLAS, Arthur Orlando. **História de vida**: uma socióloga e educadora paranaense da cidade de Palmeira. Palmeira: Instituto Histórico e Geográfico de Palmeira, 2013.

LEÃO, A. Carneiro. **Panorama sociológico do Brasil**. Rio de Janeiro: Nacional, 1958;

MANNHEIM, Karl. O problema da “*intelligentsia*”: um estudo do seu papel no passado e no presente. In _____. **Sociologia da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MATTAR, Maria Olga. Maria Olga Mattar completa 53 anos dedicados à educação. In: **Vida Universitária PUCPR**, n. 170, mar. 2007.

MATTAR, Maria Olga. **Contexto e Organização Social**: para aprender sociologia. Curitiba: [s.e.], 1998.

MATTAR, Maria Olga. **Raízes da exclusão social, o preconceito e sua força desagregadora na sociedade**. Curitiba: Gráfica Ativa, 2005.

MATTAR, Rita de Cássia. **Raízes de uma trajetória docente no âmbito de ser mulher**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

MENEZES, Djacir. **O problema da realidade objetiva**. Rio de Janeiro: MEC, 1971.

MEUCCI, Simone. **A institucionalização da Sociologia no Brasil**: os primeiros manuais e cursos. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – UNICAMP, Campinas, 2000.

MEUCCI, Simone. Sobre a rotinização da sociologia no Brasil: os primeiros manuais didáticos, seus autores, suas expectativas. **Mediações**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 31-66, jan/jun. 2007.

OGANAUSKAS, Gabriel Cardeal. **A constituição das ciências sociais na UFPR – 1938 a 1960**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

OLIVEIRA, Márcio. Sociologia das ciências sociais no Paraná. In: _____. (org.). **As ciências sociais no Paraná**. Curitiba: Protexoto, 2006.

PRADO, Patrícia dos Santos Dotti do. **De autodidatas a cientistas: a institucionalização do curso de ciências sociais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná, 1938-1960**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

WESTPHALEN, Cecília Maria. **Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Paraná – 50 anos**. Curitiba: SBPH-PR, 1988.

NOTAS

PARA ENTENDER SOCIOLOGIA: OS MANUAIS ESCOLARES DE MARIA OLGA MATTAR

Understanding sociology: the textbooks of Maria Olga Mattar

Patrícia dos Santos Dotti do Prado

Licenciada em Ciências Sociais

Universidade Federal do Paraná, Departamento de Sociologia, Curitiba, Brasil

pradopatriciadotti13@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-2140-535X>

Endereço de correspondência do principal autor

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Capes.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional \(CC BY\)](#). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 25 de novembro de 2018

Aprovado em: 19 de março de 2019

